

MARAMBAIA¹

Durões de Cerqueira



[10]² Era linda a tarde.

No céu as nuvens passavam vagarosamente, pintalgadas pelos raios do sol, que havia pouco se escondera na serra do “Curicco”.

Das montanhas descia um suave terralão perfumado de essências silvestres.

O oceano, leão vencido, soltava os seus queixumes, pela palavra das ondas beijando a areia. Na sua lisa superfície, retratavam-se os bandos das gaivotas tardias, que a um desfilar veloz, demandavam o pouso.

Aqui e ali, as esguias canoas, com suas velas latinas, deixavam à sua passagem a esteira branca das espumas.

As poéticas ilhas, emergidas do salso elemento, mostravam envaidecidas os recortes de suas formas, quase virgens de Istambul, envolvidas em véus de verdura.

A Guaíba, Guaibinha, Cutiatá, Lazareto, a majestosa Ilha Grande e a misteriosa Marambaia, eram as lindas odaliscas deste harém.

¹ CERQUEIRA, Durões de. Marambaia. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 1440, p. 10-11, 19 abr. 1930.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Um pouco para trás a linda Baía de Mangaratiba.

Sentado na areia da praia, o queixo apoiado nos joelhos, cismava o velho Rufino. Tão abstrato se encontrava que não notara a minha aproximação. Toquei-o no ombro, dizendo:

— Então, velho Rufino, em que pensa? Saudades, hein?

— *Boa tarde, patrãozinho. Deus louvado seja. Um véio num pensa sinão no qui já passô, lembrando sempre dus tempo da mocidade. Tempo bão aquele!*

Rufino devia ter sido um verdadeiro atleta. Espáduas largas, músculos ainda proeminentes, era alto, conquanto já curvado, mãos enormes e calosas. A barba crescida, emprestava-lhe à fisionomia o tipo dos Lobos do Mar, o que realmente fora.

Um perfeito “Jeca-Tatu” litorâneo. Homens que não têm pressa. Isto quando estão em terra. Em suas viagens, nas frágeis canoas, são verdadeiros heróis. Se a viagem lhes corre calma, sem perigos, comumente lhes ouvimos:

— *Não deu pra escorá.*

Mas, se o vendaval os colhe e o mar se encapela, acordam de sua modorra, põem-se em pé à popa da canoa e ei-los em luta com a natureza.

Se acham pouco o vento, assoviam, dizem eles, *pra desafiá.*

O velho Rufino era um deles.

Muito loquaz, usando de ligeiras comparações em seus fraseados de capiau, tinha-se prazer em ouvi-lo.

— *Eta, moço, quando eu era da sua idade, o má não me fazia medo. Canoa “maluca” é qui eu quiria. Canoa “segura”, só quando tinha que viajá as*

muié. Eu gostava era das “bandolêra”. Quantas veiz o sudoeste me garrava nesses largo, quebrava verga e mastro, deixando a genti “desarvorado”.

— Então, velho, estes mares e ilhas não lhe têm segredo; todos o senhor conhece?

— Moço, desdi a barra de Guaratiba até o costão de Batuba, cunheço parmo a parmo. Só a Marambaia é que fui uma veiz e nunca mais vortei, pr’u causa do que mi acunteceu.

Calou-se, apoiando novamente o queixo aos joelhos e fixando o olhar já turvo, na legendária restinga.

Por alguns momentos respeitei a sua meditação, mas roído pela curiosidade, instei para que algo me contasse.

Rufino tirou um cigarro que trazia na fita do chapéu, acendeu-o, soltou algumas fumaradas e começou:

— J’ouvio o sinhô? Quando eu era rapazote, morava na ia da Gipoia cum a finada minha mãe.

“Nesses tempo eu já andava pr’u esses má todo. Nus domingo eu mi enfarpelava todo, ia leva umas quitanda na cidade de Angra i bêbê um poco de paraty.

“Nessas quadra, minha véia mãi caiu muito duente. Us curandêro disseram qui só a “água-santa” da Marambaia podia “dá vórta” nela, mas qui era preciso qui a genti apanhasse a água na noite di Sexta Fêra Santa, sinão num tinha valô.

[11] “O patrozinho num conhece as águas du rio du Sangue; é vermeinha, vermeinha, da cô di sangue.

“Dizia os pessoa di meu tempo que era pr’u modi o sangue dus escravo que mataro lá.

“Ara bem. Eu inda num tinha ido lá e como eu era arresorvido, matutei: ‘Eu com um pau faço duas canoa sim, qué dizer, vô busca o remédio e fico conhecendo a ia.’

“Si ansim pensei, mió eu fiz.

“Apreparei a canoinha e, quando a lua tava “cravando” na serra, eu “rasguei”. Quando o dia crariô eu tava na Jacuecanga. Aí o vento arrefrescô e eu “caí na escora” e pur vórta das novi hora eu tava nu Abrão. O Norte me incurralô e fiquei invernado.

“Quando foi pr’u meio-dia eu saí di pano cheio cum a viração, cortei essis largo e di tardinha arribei na Marambaia, lá num canto da ristinga.”

Com o nodoso dedo apontou-me o sítio mencionado. Acendeu o cigarro que se apagara, refletiu um pouco, talvez coordenando os fatos e prosseguiu.

— *Puxei a canoa, bem na barra du ribeirão e tratei di aprepára a janta. Já era noitinha quando inchi o garrafão cum a água-santa.*

“Arresorvi largá di madrugada e pur isso tratei di drumi.

“Tinha drumido um bão sono quando ouvi arguem mi chama. Era um nêgo que falava um pôco trapaiado, aqui estava inconvidando pra acumpanhá a prucissão.

“Entonce eu pensei qui fosse algum perscadô ou arguem qui viesse buscá água-santa e acompanhei o nêgo. Pruguntei pros camarada dele e ele mi disse qui tavam na prucissão.

“Ara bem. Lá tem um vargado enormi di grandi, que é todo simeiado di frô.

“Quando esbarremo a prucissão matutei qui era arguma promessa qui fizeram.

“Fui me achegando. Tinha Pôvo ansim. Onde é qui arranjaram tanta canoa pra trazê tanto pessoa pra ia?...

“Nois fumo andando, fumo andando, i aquelis pessoa romêro todo a cantá as reza dus defunto.

“J’ouviu o sinho? Quando mi puz a arrepará direito, eu vi que as lanterna era feita di cavera qui aquela genti carregava espetada num pau.

“Ara bem. Eu era valentão i num fiquei arreceiado. Mas quando um esbarrava nu outro fazia um baruio a modi qui era di pau.

“Medo num tinha. Depois tinha tanta genti... Fiquei só desconfiado.

“Eu já tava achando qui nois tinha andado muinto i quis pruguntá ao nêgo qui mi chamô pr’onde é qui nois ia.

“Já tava querendo crariá.

“Quando o nêgo oiô pra mim, eu vi qui a cara dele era di cavera também, cum os óio azú.

“Todo aqueli pessoa era esqueleto!...

“Eli mi asseguro num braço e dissí qui a prucissão ia triminá purquê o dia já vinha vindo.

“Cum essis óio qui a terra há di cumê, o qui eu vi era di pasmá.

“Dito e feito. Num sei ondi é qui tinha terreiro ali pur perto, mas o qui sei é qui os galo cumeçaru a cantá.

“Eu tava pregado nu chão.

“O nêgo sortô um ronco medonho e os isquileto cumeçaro a corrê cada um pr’u seu lado. Era um baruio danado di osso a si chocá e num átimo tudo si sumiu.

“Oia, patrãozinho! Os meus cabelo levantaro, os queixo cumeçaro a batê, as perna quis bambiá, mas eu comecei a corrê sem sabe pra ondi.

“Teve uma hora qui num vi mais nada. Quando deu cô di mim, o só já tava arto. Eu tava todo lanhado, os pé todo firido.

“Pur isso nunca mais botei os pé na Marambaia.”

Novamente calou-se, olhando sempre para a misteriosa ilha.

Minha curiosidade levou-me a perguntar-lhe se sua mãe fizera uso da água-santa. E ele respondeu:

— *Bebeu sim, patrãozinho, num instantinho ficô bôa.*



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur, Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

